

A experiência da SciELO, iniciativa pioneira de acesso aberto, levou o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) a organizar o Seminário Internacional sobre Acesso Aberto em países em desenvolvimento, como atividade paralela ao 9º Congresso Mundial de Informação em Saúde e Bibliotecas, realizado em Salvador, na Bahia. O seminário teve como objetivo reunir iniciativas do movimento de acesso Aberto e discutir formas de aumentar a visibilidade, acessibilidade, qualidade e impacto de periódicos. Seu principal resultado foi a Declaração de Salvador sobre acesso aberto: a perspectiva dos países em desenvolvimento. O Acesso Aberto significa acesso e uso irrestrito da informação científica e, segundo o documento, “tem recebido apoio crescente em âmbito mundial e é considerado com entusiasmo e grande expectativa nos países em desenvolvimento”.

### ■ Educação

#### Reforma do ensino para valer?

O final da década de 1990 e o início do novo século reservaram ao ensino médio brasileiro uma grande turbulência estrutural e conceitual. O artigo “A reforma do ensino médio nos anos de 1990: o parto da montanha e as novas perspectivas”, elaborado por Dagmar Zibas, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (FCC), em São Paulo, descreve algumas imposições sociais, econômicas e pedagógicas que estavam exigindo uma reforma curricular do ensino médio durante aquele período. “A favor da reforma curricular deve-se registrar que o contexto da virada do século justificava um profundo repensar do currículo do ensino médio, em vista, principalmente, da explosão da demanda por matrículas, dos requisitos do novo contexto produtivo e da exigência de conhecimentos e valores para a construção de uma cidadania democrática”, diz a autora. Outro fator que contribuiu para a proposta da reforma foi a exigência de aproximação entre currículo e cultura juvenil. “Em geral, os professores têm grande dificuldade de aproximar-se da cultura adolescente. Esse distanciamento afunila a cultura da escola, empobrece as trocas entre os sujeitos do mundo escolar e converte, muitas vezes, o conteúdo das disciplinas em elemento aversivo aos alunos”, diz. A pesquisadora questiona as atuais perspectivas para uma reforma do ensino médio que favoreça o desenvolvimento dos alunos das escolas públicas. A nova conjuntura política é propícia a um projeto desse tipo? A inviabilidade de uma escola inclusiva será anunciada pela continuidade da diretriz que reservou, em 2003/2004, quase 10% do PIB para o pagamento dos juros da dívida externa e que, em 2005, continua restringindo investimentos nas áreas sociais? “Infelizmente, esses temas devem continuar freqüentando nossa agenda, se quisermos defender as bases para uma reforma do ensino médio para valer”, avalia Dagmar.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO – Nº 28 – RIO DE JANEIRO – JAN./ABRIL 2005

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782005000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

### ■ Produção

#### Madeira tipo exportação

A atividade florestal se intensificou em todo o mundo, o que se pode confirmar pelo crescente comércio de produtos florestais e pelo interesse de diversas organizações pelas florestas brasileiras. O artigo “Concentração das exportações no mercado internacional de madeira serrada” procurou analisar a dinâmica desse mercado internacional. “O crescente destaque do setor florestal para a economia brasileira mostra-se no PIB florestal, que este próximo de US\$ 21 bilhões (4% do total) no ano de 2003”, aponta o estudo assinado por Rommel Noce, Rosa Maria Carvalho, Thelma Soares e Márcio Lopes da Silva, pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais. O artigo apresenta os indicadores da exportação de madeira serrada de coníferas e folhosas para 154 diferentes países, nos anos de 1997 e 1999. “A desaceleração da economia em mercados tradicionais como nos Estados Unidos e na União Européia reflete-se na redução do índice de crescimento do comércio mundial”, diz o estudo. “Assim, as empresas brasileiras buscam mercados alternativos como Rússia, China, África do Sul e Emirados Árabes.”



EDUARDO CESAR

REVISTA ÁRVORE – VOL. 29 – Nº 3 – VIÇOSA – MAIO/JUN. 2005

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-67622005000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-67622005000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

### ■ Museus

#### Consumo cultural

Divulgar pesquisas que elucidem não só o perfil socioeconômico do visitante e do não-visitante de museus, mas também seus hábitos culturais, interesses e percepções. Essa é a proposta do artigo “O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças en-

tre museus de ciência e de arte”, de Adriana Mortara Almeida, pesquisadora do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Quanto mais soubermos sobre o contexto pessoal do visitante, mais poderemos aperfeiçoar sua experiência museal, de modo a instigar sua ida e seu retorno aos museus”, justifica Adriana. Segundo o artigo, é vasta a bibliografia estrangeira sobre estudos do público. Essas pesquisas consideram o visitante um participante ativo da relação museal. Por meio de observação, entrevistas, questionários, depoimentos e conversas telefônicas, esses estudos trazem a voz do visitante, na busca do aperfeiçoamento do processo comunicacional promovido pelas exposições. “As avaliações mostram que cada visitante constrói sua própria exposição ao selecionar seu percurso de acordo com seu desejo, suas motivações, suas necessidades e seus companheiros”, acredita Adriana. Com isso, na elaboração de uma exposição, procura-se conhecer o perfil, os desejos e as necessidades dos possíveis visitantes. Porém, tal como os museus de arte, que deveriam conhecer melhor noções e interesses mais gerais sobre arte dos públicos brasileiros, os museus de ciência também carecem de estudos. “Ainda sabemos muito pouco das concepções sobre as ciências e as artes entre os brasileiros”, diz.

HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE-MANGUINHOS – VOL.12 –  
SUPL. 0 – RIO DE JANEIRO 2005

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702005000400003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000400003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

## ■ Saúde

### Fumo passivo infantil

O estudo “Tabagismo no domicílio e baixa estatura em menores de 5 anos” analisou o efeito das variáveis socioeconômicas e da exposição à fumaça do tabaco sobre o crescimento. Participaram do estudo 2.037 crianças menores de 60 meses, sendo 51% do sexo masculino e 49% do sexo feminino. Os pesquisadores Regina Gonçalves-Silva, Márcia Lemos-Santos, da Universidade Federal de Mato Grosso, Joaquim Valente e Rosely Sichieri, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mediram e pesaram as crianças atendidas nos postos de saúde da cidade de Cuiabá (MT) e submeteram os pais a um questionário sobre o tabagismo no domicílio. Em relação à exposição ao tabaco em casa, as crianças foram classificadas em expostas se morassem com pelo menos um fumante no domicílio. Do total de crianças estudadas, 37,7% eram fumantes passivas, ou seja, mo-



EDUARDO CESAR

ravam em domicílios com pelo menos um fumante, sendo 11% expostas ao tabagismo da mãe, 24% expostas ao tabagismo do pai e 13% ao tabagismo dos demais moradores da residência. A prevalência de crianças com baixa estatura foi de 4,3%. A média do peso e do comprimento ao nascer foi menor para as crianças com mães fumantes do que para os bebês que tinham mães não-fumantes. “Foram observadas crianças de menor estatura nos níveis socioeconômicos mais baixos e com menor renda familiar, quando o pai não morava no domicílio ou quando os pais tinham menor escolaridade”, diz a pesquisa. “O tabagismo durante a gestação é um dos responsáveis pelo menor peso e comprimento ao nascer. No entanto, a exposição à fumaça do tabaco, no período pós-natal, não tem sido explorada nos estudos de crescimento”, indicam os pesquisadores.

CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA – VOL. 21 – Nº 5 – RIO DE JANEIRO – SET./OUT. 2005

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2005000500027&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000500027&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

## ■ Hortelã

### Experimentos hidropônicos

O crescimento normal e a formação de plantas com qualidade comercial dependem da produção de boas mudas. Para isso, faz-se necessário o uso de substratos adequados a cada espécie. Esse elemento influi não só na qualidade das raízes, como também no porcentual de enraizamento das estacas, possuindo ainda a função de fixá-las e manter o ambiente úmido. O artigo “Substratos na produção hidropônica de mudas de hortelã”, escrito pelos pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Dalva Paulus, Sandro Medeiros, Osmar Santos, Cinei Riffel, Eliseu Fabbrin e Eloi Paulus, apresenta os resultados de experimentos feitos na produção das mudas de hortelã (*Mentha x villosa*) em cultivo hidropônico. Variedades da espécie têm sido investigadas tanto por suas atividades biológicas como pelos óleos essenciais produzidos por suas folhas. As mudas foram analisadas com substrato espuma fenólica, substrato organo mineral e sem substrato. Diferentes variáveis foram analisadas, como o número de folhas e a altura da planta nos dias seguintes e a fitomassa seca e fresca 35 dias após o início do tratamento. O substrato espuma fenólica apresentou os melhores resultados na produção da fitomassa. Segundo o artigo, a espuma fenólica pode ser utilizada para produção de mudas de menta em cultivo hidropônico.

HORTICULTURA BRASILEIRA – VOL. 23 – Nº 1 – BRASÍLIA – JAN./MAR. 2005

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-05362005000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-05362005000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)